



# Notas para o amanhã (se ele vier)

## Renata Portas

Como há pouco ao ver a linha deserta; sentia-me assustadoramente descasado com a vida, sobrevivente de mim mesmo, perdido, à espera de viver para além da morte, sem perceber ainda de que maneira.

[...] Nenhum nome. Nenhuma recordação hoje do nome de ontem; do nome de hoje, amanhã. Se o nome é a coisa; se um nome é em nós o conceito de cada coisa posta fora de nós; e sem nome não temos conceito, e a coisa fica em nós como cega, indistinta e indefinida; então, isto que trouxe aos homens cada um o incida, qual epígrafe funerária, na frente daquela imagem com a qual lhes apareci, e deixe-a em paz e não fale mais nisso...

A quem concluiu. Eu estou vivo e não concluí. A vida não conclui.

**Luigi Pirandello** – *O Falecido Mattia Pascal* (trad. Cláudia Coimbra)

*A Minha Existência Involuntária na Terra*, nome raptado à autobiografia de Luigi Pirandello, foi o mote para um castelo/montanha de textos que aqui erigimos e damos a *ouvir*, como diria Novarina.

Uma ceia de pessimistas, palavras finais, testamentos, epitáfios onde cabem as narrativas de Pirandello mas também piadas de taverna, a lembrar que o mau gosto não tem lugar no céu nem na terra (e é moeda corrente neste purgatório que habitamos).

A partir da noção de um mundo desfragmentado, veloz, bélico (teriam Pirandello, Marinetti e os futuristas entendido, tal como Stockhausen, a destruição das torres gémeas como uma obra de arte total, uma composição? – julgamos que sim), ensaiamos um espectáculo com três **figuras de cena**: um anjo (que não o da História), lembrança das nossas distopias, de *Prometeu*, do intervalo entre desejar o céu e querer a queda (a queda do corpo que se sente doente, febril, ou que treme perante a descoberta do outro); Diógenes (a quarta vez que voltamos em espectáculos nossos ao pai dos cínicos, ao mestre da filosofia por cumprir, aqui envolto em enigmas, charadas e provocações obscenas de cariz grotesco); e uma planta beckettiana, um suicida a meio do caminho (quando caminhamos para a morte, podemos

fazer tracção às quatro rodas? Podemos suspender o gesto? Esperar é já resistir e existir?).

Num espaço por determinar, ambíguo, entre a ruína (o vendaval do progresso, como diria Walter Benjamin) e o espaço teatral por excelência, estas três figuras ora dialogam (com quem? Conosco? Consigo? Com o nada?) ora inquietam. Um festim sonoro, uma despedida da reconhecível geometria humana e da habitual psicologia para refazer o corpo em esquadros, linhas, triângulos, forças de tensão que – quase sempre – são paradoxais e ambíguas, no mesmo instante em que ensaiamos discursar sobre as mesmas.

A pontuá-las, uma outra criação em cena, que se dá a ver nos desenhos de Carlos Dias.

Aqui, e ali, em meio à catástrofe, um sopro de possibilidade, como diria Musil.

Pirandello, apesar do reconhecimento do Nobel em 1934, terá tido uma existência atribulada e será frequentemente lembrado pela sua ligação ao fascismo, tornando-se **persona non grata**. Aqui, como em outros espectáculos, tentamos calçar os sapatos do diabo.

Olhar para a atracção do mal, entendê-lo e não temer o outro lado.

Um ensaio sobre as possibilidades de desumanizar-se, diríamos.

## Marta Abba ou “The Pain That I’m Used To”

I’m not sure  
What I’m looking for anymore  
I just know  
That I’m harder to console  
I don’t see who I’m trying to be  
Instead of me  
But the key  
Is a question of control

Can you say  
What you’re trying to play anyway  
I just pay  
While you’re breaking all the rules  
All the signs that I find  
Have been underlined  
Devils thrive on the drive  
That is fueled

All this running around  
Well it’s getting me down  
Just give me a pain that I’m used to  
I don’t need to believe  
All the dreams you conceive  
You just need to achieve  
Something that rings true

There’s a hole in your soul  
Like an animal  
With no conscience  
Repentance unknown  
Close your eyes  
Pay the price for your paradise  
Devils feed on the seeds  
That are sown

Can’t conceal what I feel  
What I know is real  
No mistaking the faking  
I care  
With a prayer in the air  
I will leave it there  
On a note full of hope  
Not despair

All this running around  
Well it’s getting me down  
Just give me a pain that I’m used to  
I don’t need to believe  
All the dreams you conceive  
You just need to achieve  
Something that rings true

## Depeche Mode/Martin Gore

## Línguas de tábuas e c

Jorge Palinhos\*

A memória do teatro é uma vazante que vai deixando atrás de si rastros de imagens e inquietações. Há quase dez anos, vi *Animais Noturnos*, um texto de Juan Mayorga, dirigido pela Renata Portas. Não consigo descrever o que vi, pois a impressão desse espectáculo era a de um areal de silêncio onde se desfazia a humanidade das personagens de Mayorga. Mas há imagens dele que permanecem: dois homens sentados que conversam entre si através do público, gestos que vão derrapando no tempo até parecerem rasuras num papel perdido, um acordeonista a tocar músicas mansas à luz de fantasmas.

Quanto mais tempo me fica para trás dos pés, mais creio que a memória é a única capacidade crítica que temos, talvez a única medida universal capaz de descrever o quanto as coisas nos podem crescer. Especialmente para uma arte que existe no intervalo de montagens e desmontagens, que existe nos espaços vazios delineados por cortinas, que só perdura e importa nas brisas da nossa memória.

Também nisso o teatro é obsolescência. Quando a tecnologia – desde os primórdios, sim, mas sempre cada vez mais – serve para aliviar a nossa existência de tudo o que seja humano – desde o caos das relações à incerteza da memória – e em que o próprio ato de lembrar é visto com ceticismo ou verdadeira desconfiança, recordar algo é um sobressalto, quase um atentado contra a alegre inconsciência dos dias.

Os antigos tinham a memória como sendo um palácio magnífico, construído a cada dia, com esforço, disciplina e perseverança. Michel Foucault fala dos *hypomnemata* – nome de outra encenação da Renata Portas a partir de um texto de Pedro Eiras –, os cadernos onde se ia registando a memória dos gostos, das aprendizagens, das descobertas, das tristezas, das perdas. E essa memória era o esculpir da própria vida humana, que não tinha outra forma de acossar o mundo a não ser nos poemas, nas imagens e nas lembranças amadas.

Agora a memória é uma falsidade, um fardo, um embaraço, tal qual um avô baboso que se leva a passear junto dos lares e cemitérios, na esperança de que ele não os queira deixar mais. Há arquivos, *backups*, *caches*, filtros, *photoshops*, *timelines*, *zippers*, *clouds*, *fake news*, desodorizantes, cremes regeneradores, *botox* e cirurgias



Em meio a todo o cepticismo celebrado e invocado no espectáculo, uma hipótese de redenção: a estória de amor de Pirandello e Marta Abba – que provavelmente seria unívoca, mas longa e constante da parte do autor – será alimento de criação do mesmo e de sua vida. A partir desse mote, decidimos escrever cartas e ficcionar este amor, que deu origem a uma intensa correspondência.

O que leva um amor a perdurar? Se a janela é só uma frincha que não se fecha mas na qual passa pouco sol, permanecemos nesse quarto? Parte intimidade, parte memória, parte invenção, estas cartas são uma espécie de *lado b* do autor: queríamos que este, mediado por nós, fosse visto a uma lupa diferente, desse lugar onde a voz falha, e os olhos se agigantam.

A partir do mote de *Um, Nenhum, Cem Mil*, Pirandello aqui reparte-se, subtrai-se e ausenta-se para ser pensado com e através de tantos outros: Pavese, Musil, Walser, Philip K. Dick e tantos outros (como um espelho estilizado que une os apóstolos do fim dos tempos).

### O futuro já chegou?

#### Onde estão os carros voadores?

Os futuristas celebravam a velocidade sonhando com rugidos, ruídos, a progressão inevitável da velocidade. Italo Calvino elegera-a como um dos valores do terceiro milénio, nas famosas conferências de 1988.

Estamos em 2018, a dois anos de cumprirmos vinte anos do terceiro milénio, e desde 1985 que espero por um *hoverboard* como o anunciado em *Back to the Future*, de Robert Zemeckis.

O futuro-presente parece discorrer com uma invulgar lentidão tecnológica, com uma tecnologia que se vê em todo o lado como coisa de trazer por casa, *emoji*, piscadela, mas os hologramas ainda são raros e Tóquio continua a ser o cenário mais corriqueiro de futuro.

Quando chega o futuro?

Espectáculo dedicado a Louis-Ferdinand Céline, que morreu por não compreender inteiramente uma palavra.

*Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.*

plásticas para obliterar o pó do tempo e deixar-nos no assético presente absoluto. O presente absoluto do melhor dia de sempre, da melhor noite de sempre, do melhor jantar de sempre, dos melhores amigos de sempre, do melhor aniversário de sempre, das melhores férias de sempre. O sempre é uma promessa de extinção da memória. De incinerar toda e qualquer imagem de vida com que se possa confrontar a própria vida, apontar-lhe o dedo e dizer-lhe o que é e o que lhe falta.

A memória é o primeiro passo da perda. Quem se lembra compara, sente a falta, duvida, desconfia, sobressalta-se, enerva-se, grita, atira pedras e incomoda. A memória é o maior perigo para todos os totalitarismos e para todos os comodismos. E todos os que já foram feridos pelo tempo para poderem olhar para o tempo presente e pensar que já o viveram antes, que já o viveram melhor, têm um nome: pessimistas.

É de um jantar de convivas pessimistas que este espectáculo trata, um banquete literário sob a batuta de Pirandello, mas contando também com a presença de Robert Musil, Cesare Pavese, Philip K. Dick, os futuristas, entre outros.

Luigi Pirandello nasceu literalmente em Caos, em Agrigento, Sicília, e morreu em Roma a amar a esposa, Maria Antonietta, que tinha enlouquecido ao ponto de ser internada.

Nasceu numa família rica, numa altura em que era o tornar-se rico – ou empreendedor – que se tornava moda. Leu e admirou os românticos quando todos os desdenhavam. Começou a escrever teatro quando os futuristas anunciavam a performance. Ouviu correr o sangue da Guerra Franco-Prussiana e os primeiros rosnados da Segunda Guerra Mundial, leu atualidades sobre a Rainha Vitória de Inglaterra e sobre o chanceler Adolf Hitler, teve Mussolini a apurar-lhe as peças, conheceu decadentistas e modernistas, assistiu à estreia de *Douro Faina Fluvial*, de Manoel de Oliveira, em Portugal, e surpreendeu-se com o público português, que se queixava de o filme passar tão depressa que não se conseguia perceber nada.

Escreveu muito. Escreveu contos, romances, e peças de teatro já tarde na vida. Prosa delicada onde se descobria o absurdo da existência entre duas chávenas de chá, histórias em que a violenta rudez

do povo era mais sensata que a fineza retórica da burguesia. A sua obra versa, de forma quase obsessiva, sobre as aparências do mundo, e aquilo que se esconde sob elas. Escrita entre dois séculos e tantas mudanças, os seus enredos são bolos encantadores de camadas de diferentes verdades, em que já não sabemos qual a principal. Um jogo de espelhos em que já não se sabe o que é o reflexo e o que é o refletido, uma antecipação do perigoso jogo da pós-verdade que nos entusiasmos a tentar ganhar.

É seguro que a complexa relação entre aquilo que parece e aquilo que é não é novidade no mundo humano, e encontra-se em cada época, sucessivamente, desde a alegoria da caverna de Platão ao confronto entre nominalistas e realistas da Idade Média, ao sonho calderoniano, ao *trompe d'oeil* do barroco, aos simulacros do século XXI. Mas Pirandello vai mais longe e diz-nos que nada parece e tudo é. Ao mesmo tempo. Nada é ilusão porque tudo é ilusão. Sempre.

E neste espectáculo os seus textos em prosa são reunidos para conversarem com os textos de outros pessimistas como ele, para contemplarem as aparências e delas desdenharem, sabendo que nada é mais absurdo do que uma coisa querer parecer o que não é. E essa coisa é o ser humano, o único animal que passa a sua existência a tentar parecer o que não é. É alicerce do pessimismo ter acreditado na humanidade e ter perdido essa crença. E também o é saber que não existe outra salvação para o homem senão esforçar-se por ser o que não é, pois é a única coisa que se assemelha à vida. Por isso, ser pessimista é viver o paradoxo de se desdenhar daquilo que se sabe ser inevitável na existência. É o paradoxo de escutar o manifesto futurista de Filippo Tommaso Marinetti, que pontua o auge desta peça, e que se assemelha a um grito desesperado para acabar com a esperança no homem, para acabar com a memória, para mergulharmos de cabeça na volúpia do instante e no holocausto do passado, como única vida vivida, e sabermos que também ele não conduziu mais do que à guerra e à morte.

O pessimismo, a aparência, a memória, o humano, a perda – marcas de água do trabalho da Público Reservado, cujas peças se arrogam o direito de se comportarem

como encenações, como aparências do que realmente são. De exigir que cada elemento, cada gesto, cada corpo, cada adereço seja cruelmente reduzido à sua natureza artificial, para que um ator não seja mais do que um ator, uma palavra não seja mais do que uma palavra, um adereço de cena não seja mais do que um adereço de cena, e todos nos firam na sua aparência e na sua verdade, derrotando assim pessimistas e otimistas.

Estas são peças que continuam a ser feitas do choque dos corpos dos atores com as tábuas do palco – sem medo que esse choque abra feridas e deixe cicatrizes na carne e na memória, permitindo que as tábuas engulam os atores, os elevem aos píncaros, sejam o recreio onde os corpos dos atores possam brincar. E chamo-lhes atores, pois nas encenações da Renata Portas os atores nunca abandonam a sua condição primordial de sacerdotes que invocam as palavras, as personagens, as pessoas que já não existem ou nunca existiram. Atores na plenitude da sua missão de serem memória em carne do combate que travaram com a memória das palavras levadas ao palco. Corpos feridos de memória, esculpido pela luz, e que na solidão do seu tablado se tornam íntimos da memória de cada um de nós, buscando persistir nela por entre a rebentação brutal do tempo que muda.

\* Escritor e docente do ensino superior.

#### ficha técnica TNSJ

produção executiva

**Eunice Basto**

direção de palco

**Emanuel Pina**

adjunto do diretor de palco

**Filipe Silva**

direção de cena

**Ana Fernandes**

luz

**Filipe Pinheiro** (coordenação)

**Adão Gonçalves**

**Alexandre Vieira**

**José Rodrigues**

**Nuno Gonçalves**

**Rui M. Simão**

maquinaria

**Filipe Silva** (coordenação)

**Adélio Pêra**

**António Quaresma**

**Carlos Barbosa**

**Joaquim Marques**

**Jorge Silva**

**Lídio Pontes**

**Paulo Ferreira**

som

**João Oliveira**

#### apoios TNSJ



#### apoios à divulgação



#### agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto

Polícia de Segurança Pública

Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

#### ficha técnica Público Reservado

fotografia de cena

**António Alves**

comunicação e design

**lina&nando**

#### agradecimentos Público Reservado

Teatro Municipal do Porto/Campo Alegre,

Circolando, Cláudia Santos

#### Público Reservado

[www.facebook.com/PublicoReservado](http://www.facebook.com/PublicoReservado)

[www.instagram.com/publicoreservado](http://www.instagram.com/publicoreservado)

#### Teatro Nacional São João

Praça da Batalha · 4000-102 Porto

T 351 22 340 19 00

[www.tnsj.pt](http://www.tnsj.pt) · [geral@tnsj.pt](mailto:geral@tnsj.pt)

#### edição

Departamento de Edições do TNSJ

coordenação **João Luís Pereira**

fotografia **Susana Neves**

design gráfico **Dobra**

impressão **Multitema**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



# A Minha Existência Involuntária na Terra

a partir de textos de

**Luigi Pirandello**

**Walter Benjamin**

**Cesare Pavese**

**Renata Portas**

**Robert Musil**

**Philip K. Dick**

entre outros

tradução dos textos de Pirandello

**Cláudia Coimbra**

encenação, dramaturgia e cenografia

**Renata Portas**

sonoplastia e composição

**Pedro Sousa**

figurinos

**Jordann Santos**

adereços

**Inês Mota**

desenho de luz

**Diogo Mendes**

produção executiva

**Mafalda Garcia**

interpretação

**Jaime Monsanto**

**João Tarrafa**

**Pedro Manana**

e **Carlos Dias** (desenho em cena)

coprodução

**Público Reservado**

**TNSJ**

dur. aprox. **2:30**

**M/16 anos**

**Teatro Carlos Alberto**

**4-8 abril 2018**

qua-sex **21:00** sáb **19:00** dom **16:00**

**estreia**



O TNSJ É MEMBRO DA

